

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

A história da ex-província ultramarina portuguesa da Guiné vem de tempos imemoriais, fundados em lendas que ultrapassavam as fronteiras hoje conhecidas.

Algumas dessas lendas foram relatadas por Manuel Belchior que, em Dezembro de 1961, esteve na então Guiné Portuguesa a estudar alguns problemas de antropologia cultural com referência às etnias Fula e Mandiga¹. O autor refere que algumas lendas relatadas “têm o seu cenário longe das fronteiras da nossa Guiné, no velho Mandem (foco original dos Mandingas) ou no reino fula de Maciná, e os personagens nelas referidos viveram, segundo a cronologia estabelecida por escritores e viajantes árabes, nos séculos XIII, XIV e XV”. Outras “já se passam no nosso território ou nas regiões vizinhas e narram factos ocorridos no século passado”².

As referidas lendas não são exclusivas do património histórico dos mandingas e fulas da Guiné-Bissau, mas abrangem indivíduos das mesmas etnias maioritárias do Mali (cujo Império foi fundado em 1235), República da Guiné ou importantes minorias do Senegal, Nigéria e Camarões. Não resisto em transcrever excertos de algumas dessas lendas, como forma de entendermos melhor algumas expressões e vivências durante a minha passagem por aquela ex-Guiné Portuguesa.

A lenda SUNDJATA KEITA – “aquele que haveria de ser o fundador do império do Mali – era filho do rei de Mandem. Como houvesse nascido parálítico, não podia governar e, assim, entregou o reino ao seu escravo de confiança, Sumaôro Kanté, com a condição de ele o considerar sempre seu senhor e prover ao sustento da sua casa. Mas Sumaôro bem depressa esqueceu os deveres que contraiu para com o amo.

A certa altura deixou mesmo de lhe enviar uma parte da carne do gado que diariamente era abatido para o sustento da corte.

No primeiro dia em que tal aconteceu, a mãe do parálítico, em vez de suprir a falta recorrendo ao curral familiar, substituiu a «vianda»³ por folhas de calabaceira, acompanhando com elas, sob a forma de esparregado, o prato de milho preto que apresentou a seu filho”.

A lenda INDJARU (a lenda do cavalo) – “um dia, um fula de Maciná, chamado Bakar Mamadu, que tinha uma sementeira de milho perto de um grande rio, verificou que as espigas haviam sido comidas por um animal que deixava pegadas no chão (...) resolveu guardar o seu campo durante todo o dia (...) e durante a noite (...) arranjou um «bentem» em cima duma árvore (...). A certa altura da noite, viu sair um belo animal das águas do rio e dirigir-se à sua lavra para comer as maçarocas de milho. Ficou Bakar surpreendido e, como nunca tivesse visto um ser igual, resolveu não o assustar e dar parte ao seu régulo do que presenciara”⁴.

A lenda COLI TENGUELÁ – “em tempos muito recuados, havia em Uágadugu um rei chamado Samódo. Tinha ele vários filhos mas, como uma das suas mulheres, de nome Uássá Djára, estivesse grávida, disserem-lhe os adivinhos da sua corte que a criança que estava para nascer espantaria pelos seus feitos todo o imenso Sudão (...) Coli foi o antepassado comum de muitos ramos dos fulas. Sua filha Jaquité Coli deu origem aos futa-fulas. Outra filha, de nome Maliqué Si Coli, é a mãe dos fulas de Toro. Uma

¹ As lendas foram relatadas no livro «Grandeza Africana», Lendas da Guiné Portuguesa, na colecção Ultramar, prefaciado pelo Major Carlos Gomes Bessa, Comissário Nacional Adjunto para o Ultramar da Mocidade Portuguesa.

² Idem, página 18.

³ A palavra «vianda» é muito usada no creoulo guineense. idem, página 27.

⁴ Idem, página 31.

terceira, Sira Mecem Coli, foi tronco dos fulas do Boé, assim como a última Cumbela Coli o foi dos fulas do Gabu”⁵.

A lenda ALFÁ MOLÓ – “um dia o grande marabú El Hadgi Omar, também conhecido por Seku Umaru, que andava de terra em terra, disfarçado em mendigo, experimentando o poder das suas virtudes antes de talhar para si um dos maiores reinos do Sudão, chegou à «tabanca» de Amedalai, na região de Dandu, no Gâmbia, e pretendeu ali descansar (...) voltou Moló para casa e tudo lhe aconteceu como lhe fora predito. Anos depois, governava um grande país que se estendia do rio Gâmbia ao Corubal e tomava o título de Alfá⁶. Quando morreu não longe de Bafatá, numa localidade a que ele próprio pôs o nome de Dandu, em homenagem à terra em que nasceu, Alfá Moló bem podia considerar-se como escolhido pelo Destino para viver uma aventura extraordinária e gloriosa”⁷.

A lenda da batalha CAM SALÁ⁸ – “os mandingas senhores do Gabu procediam de modo tão insensato para com os fulas estabelecidos na região, que estes tinham todos os motivos para se sentirem descontentes (...) os fulas, desanimados, ameaçavam fugir para o Firdu onde se acolheriam à protecção do rei daquele país, Alfá Moló, e diziam aos seus opressores ser preferível eles continuarem a usar os grandes calções próprios das festas dos tempos da paz do que terem de recorrer a uma guerra de resultado incerto. Os senhores mandingas não tomaram a sério estas razões e os fulas, tendo recebido auxílio dos seus irmãos do Futa Djalon, desistiram de fugir para Firdu e decidiram lutar pela independência. Unidos aos futa-fulas e valendo-se da supremacia do número, derrotaram os mandingas em Beré Colon (...) finalmente, quando já não havia mais nada a esperar, Djanqué Uali deitou fogo à pólvora e, numa explosão tremenda, sucumbiram os fulas e os mandingas que se encontravam dentro da «tabanca». Somente uma menina foi projectada para muito longe. Havia de ser alguns anos depois a mãe de Alfá Iáíá, rei de Labé. Assim acabava o domínio mandinga no Gabu (...) e pediu a Deus que o transformasse em árvore. A menos de quinhentos metros das ruínas de Cam Salá encontrava-se uma grande árvore solitária, de uma espécie a que os mandingas chamam sotô. É o «marabú» do Futa”.

Mandinga não estragues o meu milho!
Se o estragas fujo para Firdu
onde te custará fazer a guerra.
Aqui no Gabu tens vida agradável
e podes usar calções largos.

(Estribilho da canção intitulada «Chedo»⁹)

Outras lendas foram escritas por Manuel Belchior, mas aqui se dispensa citá-las. São, por exemplo, SAMORY TURÉ, FODÉ CABÁ, combate de DEMBA AGEDÁ, cativo de SELU COIADA, conquista de FUTA DJALON, deposição de ALFÁ IÁÍÁ.

⁵ Idem, página 59.

⁶ “O reino de Alfá Moló, compreendendo territórios que depois pertenceram a ingleses (Gâmbia), franceses (Senegal) e portugueses (parte da Guiné Portuguesa), acabou com seu filho Mussa Moló, que nos primeiros anos do presente século (XX) foi destituído pelos franceses do Senegal, onde se encontrava a capital do estado fula preto”.

⁷ Idem, página 65.

⁸ “A batalha de Cam Salá foi travada em 1866, perto de Pirada, no concelho de Gabu”. Idem Página 72.

⁹ «Chedo», em idioma fula, significa mandinga, que é a palavra com que abre a canção.